

São Paulo, 26 de março de 2019.

A quem possa interessar:

A postura de Adélia Borges perante a vida e os temas que ela observa e explora com tanta profundidade são estruturais na minha formação. Nosso primeiro contato foi em sala de aula, tive a grande sorte de tê-la como professora na FAAP. Já em 1998 ela nos convidava a valorizar as potencialidades do nosso país através da história do design brasileiro. Me lembro até hoje do encantamento que senti conhecendo a diversidade das madeiras brasileiras no trabalho de Maurício Azeredo, por exemplo. Dentre tantas disciplinas, a aula da Adélia ativava em mim um sentido maior naquela formação, ter como “norte” nosso hemisfério sul, nos olharmos como brasileiros fazendo valer nossa cultura – isso ressoava e inspirava.

Nos reencontramos em 2006, na primeira Bienal Brasileira de Design, da qual ela viria a ser curadora. Entusiasta, atenta aos novos movimentos, Adélia quis saber o que eu estava fazendo e, quando me ouviu dizer que não estava atuando tanto com design, mas trabalhando com desenvolvimento de produtos artesanais junto a comunidades rurais, foi categórica: “Não, isso é design sim, e quero indicá-la para participar do prêmio Internacional do British Council para jovens designers”. De fato, ela tinha razão: fui selecionada inicialmente para representar o Brasil e, na cerimônia de premiação em Londres, escolhida dentre 12 jovens de diferentes países como Jovem Designer Empreendedora do ano.

Desde então, nossos caminhos passaram a se cruzar com mais frequência, e me tornei uma admiradora de todos os seus passos e conquistas, como a direção renovadora do Museu da Casa Brasileira, ou a curadoria da inesquecível exposição “Puras Misturas”, que inaugurou o Pavilhão das Culturas Brasileiras no Parque do Ibirapuera, celebrando a diversidade da nossa cultura, construindo diálogos, mostrando a permeabilidade entre o erudito e o popular para evidenciar como ambos se alimentam mutuamente, num processo permanente de recriação e ressignificação.

Seu engajamento em dar espaço e voz aos talentos do Brasil – sejam artesãos de comunidades remotas ou grandes nomes do design – tem um papel absolutamente fundamental no cenário do design brasileiro. O trabalho de Adélia Borges é um constante convite ao reconhecimento das nossas origens e vocações, essa potência inerente que pode nos impulsionar rumo ao futuro a partir de um lugar genuíno.

A iniciativa da professora Mônica Moura de reconhecer a trajetória e o legado de Adélia Borges faz jus à importância de um trabalho feito com empenho, mas sobretudo com amor e verdade.

*Paula Dib é designer e consultora. Formada em Design de Produtos pela FAAP e Design para Sustentabilidade pela UMAPAZ, participou também do programa “Artistas do Invisível”, promovido pelo Instituto Protheus (África do Sul), baseado no pensamento orgânico e na prática de sensibilidade social profunda. Atualmente, é pós-graduanda em Artes pela Faculdade Rudolf Steiner. O tripé design, sociedade e natureza tem sido a tônica do trabalho de Paula Dib em comunidades produtivas, valorizando saberes endêmicos, resgatando tradições culturais e priorizando o uso de matérias-primas naturais locais no desenvolvimento de produtos que aliam ética e estética de forma inovadora. Premiada em Londres com o Jovem Designer Empreendedor (2006), selecionada pelo BID INOVADORES (2013) e*

*pelo Prêmio TRIP Transformadores (2013). Desde 2007, Paula leva as bases do trabalho para outros países, tendo realizado palestras e workshops no Reino Unido, Holanda, Moçambique, Suécia e Hong Kong, inspirando ações de inovação social através do design.*